



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

A ATIVIDADE DE INVESTIGAÇÃO
EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Marta Lígia Pomim Valentim

Ensaio APB, n. 71

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**A ATIVIDADE DE INVESTIGAÇÃO
EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Marta Lúcia Pomim Valentim

Ensaio APB, n. 71

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

A ATIVIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIA DA
INFORMAÇÃO

Marta Lígia Pomim Valentim

Ensaio APB, n. 71

São Paulo
Outubro
1999

- 1 - MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994.
- 2 - MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994.
- 3 - TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infante-Juvenil. 1994.
- 4 - MURCIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994.
- 5 - OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994.
- 6 - BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994.
- 7 - DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Confrontar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994.
- 8 - FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994.
- 9 - LARROUJE, Rita Luísa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994.
- 10 - SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994.
- 11 - TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994.
- 12 - RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994.
- 13 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994.
- 14 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 95.
- 15 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 95.
- 16 - VALES, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 95.
- 17 - CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Ibiçorã - PR. Abr. 95.
- 18 - LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 95.
- 19 - MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 95.
- 20 - CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 95.
- 21 - FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 95.
- 22 - FÁRIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 95.
- 23 - SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 95.
- 24 - SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaura Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 95.
- 25 - VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 95.
- 26 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro de. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 96.
- 27 - LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro de. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 96.
- 28 - SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 96.
- 29 - MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 96.
- 30 - BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 96.
- 31 - ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio mora? Jun. 96.
- 32 - GUIMARÃES, José Augusto Chaves. A Legislação profissional do bibliotecário. Jul. 96.
- 33 - MARTUCCI, Elisabeth Márcia. Abordagem qualitativa de pesquisa em biblioteconomia: uma introdução. Ago. 96.
- 34 - MARCHIORI, Patrícia Zeni. Eram os deuses astronautas? ou São os bibliotecários, profissionais da informação? Set. 96.
- 35 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 1. Out. 96.
- 36 - FERREIRA, Sueli Mara S. P., KROEFF, Márcia S. Referências bibliográficas de documentos eletrônicos: vol. 2. Nov. 96.
- 37 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Roubo, depredação de materiais e campanhas educativas em bibliotecas: proposta de um modelo de avaliação. Dez. 96.
- 38 - SOUZA, Francisco das Chagas de. O bibliotecário brasileiro e seu humanismo. Jan. 97.
- 39 - LIMA, Justino Alves. Mobilização para uma política de conservação e manutenção de acervos contra o agente biológico humano. Fev. 97.
- 40 - SMIT, Johanna W., MACAMBYRA, Marina M. Tratamento de multinídia. Mar. 97.
- 41 - SANTOS, Jussara Pereira. O ensino de biblioteconomia no Mercosul: propostas de integração e harmonização curricular. Abr. 97.
- 42 - FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Elaboração de tesouros monolíngues com o programa TECER: considerações sobre o uso. Maio 97.
- 43 - BARREIRO, Angela Maria. Conversas com quem gosta de informar. Jun. 97.
- 44 - LIMA, Justino Alves. As entidades da biblioteconomia: uma tentativa de globalização e uma iniciativa de intervenção política. Jul. 97.
- 45 - TÁLAMO, Maria de Fátima G. M. Linguagem documentária. Ago. 97.
- 46 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: alguns comentários. Set. 97.
- 47 - RECINE, Anália Viviani dos Santos. Análise de partituras. Out. 97.
- 48 - TOMAEL, Maria Inês. Informação e globalização: reflexos de uma nova era. Nov. 97.
- 49 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca pública brasileira: considerações em torno de resultados de pesquisa. Dez. 97.
- 50 - FIGUEIREDO, Nice. Repensando a biblioteca universitária brasileira: como prosseguir - notas para um projeto de pesquisa. Jan. 98.
- 51 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 1. Fev. 98.
- 52 - FERREIRA, Margarida M. Estudo do formato para registro bibliográfico Marc: volume 2. Mar. 98.
- 53 - RUSSO, Mariza. Bibliotecas universitárias brasileiras: diretrizes para o próximo milênio. Abr. 98.
- 54 - GAUZ, Valéria. O bibliófilo José Mindlin: impressões de um encontro. Maio. 98.
- 55 - COSTA, Márcia Betânia da. Implantação do movimento 5S's em unidades de informação. Jun. 98.
- 56 - SIQUEIRA, Maria das Graças. Ler é conquistar autonomia. Jul. 98.
- 57 - SOUZA, Marta Alves de. Fontes de informação em Ciências Exatas: uma síntese. Ago. 98.
- 58 - FIGUEIREDO, Nice. A automação das bibliotecas universitárias: resultado de pesquisa. Set. 98.
- 59 - MODESTO, Fernando. O bibliotecário e o mercado de trabalho: estratégias para o emprego. Out. 98.
- 60 - BROWN, Doris R. O consórcio nas bibliotecas acadêmicas dos EUA. Nov. 98.
- 61 - GOMEZ, Margarita Victoria. Educação e informática: caminho entrelaçado com a biblioteconomia. Dez. 98.
- 62 - LIMA, Vânia Mara Alves. Comunicação e representação documentária. Jan. 99.
- 63 - BLATTMANN, Ursula, DUÍRA, Sigríd Karin Weiss. Atividades em bibliotecas colaborando com a educação a distância. Fev. 99.
- 64 - FIGUEIREDO, Nice. Automação das bibliotecas universitárias: a visão dos usuários. Mar. 99.
- 65 - ALMEIDA, Elisângela Lino de. Conservação e acondicionamento de discos de vinil e fitas cassetes. Abr. 99.
- 66 - OLIVEIRA, Ana Lúcia Antunes de. A biblioteca escolar no processo de ensino-aprendizagem: uma experiência. Maio. 99.
- 67 - ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Agorá Informacional. Jun. 99.
- 68 - FREIRE, Bernardina Maria Juvenal, FERREIRA, Raquel Guimarães, LIMA, Geysa Flávia Câmara de. Biblioteca volante em canteiro de obras: relato de uma experiência. Jul. 99.
- 69 - FERREI, Aglaé de Lima, CATARINO, Maria Elisabete. Classificação Decimal de Dewey em CD-ROM. Ago. 99.
- 70 - MARQUES, Eliana Maria. Biblioteca Pública no Brasil: sonho ou realidade? Set. 99.
- 71 - VALENTIM, Marta Lígia Pomim. A atividade de investigação em Ciência da Informação. Out. 99.

A ATIVIDADE DE INVESTIGAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: tendências dentro da perspectiva de uma sociedade global (1)

Marta Lígia Pomim Valentim¹

Introdução

Ciência e conhecimento científico são conceituados, de formas diferenciadas, por diversos autores como Trujillo, Ander-Egg, Carnap, Bunge, Wundt, entre outros, como: acumulação de conhecimentos sistematizados; corpo de conhecimentos consistindo em percepções, experiências, fatos certos e seguros; estudo de problemas solúveis, mediante método científico; forma sistematicamente organizada de pensamento objetivo.

Os pontos comuns entre estes vários conceitos de ciência e conhecimento científico passam pela logicidade. A natureza da ciência pode-se afirmar é compreensiva e metodológica, isto é, os procedimentos para se fazer ciência devem permitir a observação racional do(s) fato(s), a interpretação e a explicação adequada do(s) fenômeno(s), possibilitar a verificação através de técnicas próprias, fundamentar os princípios da generalização.

Uma ciência específica forma-se a partir de um mesmo objeto, um mesmo material, que se estuda, analisa, interpreta, verifica, explica e a define clara e precisamente.

No caso da ciência da informação, inserida dentro das ciências sociais aplicadas, existe uma necessidade de delineamento do objeto norteador da área. A falta de clareza acontece porque a ciência da informação

¹ Publicado originalmente em CONGRESO INTERNACIONAL DE INFORMACIÓN – INFO'99, 1999, Havana. Anais... Havana, Cuba, 1999. (CD-ROM)

¹ Professora do Departamento de Ciências da Informação, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina, Paraná. Autora do livro "O Custo da Informação Tecnológica".

é uma ciência nova, nebulosa no seu *corpus* teórico, que ainda busca em outras ciências/áreas apoio teórico para sua definição.

Para se construir ciência alguns pontos são fundamentais:

- a) racionalidade;
- b) objetividade;
- c) factualidade;
- d) comunicabilidade;
- e) verificabilidade;
- f) sistematização;
- g) acumulatividade;
- h) explicabilidade e
- i) utilidade.

2 Objeto da Ciência da Informação

A ciência da informação tem como objeto de estudo, análise, pesquisa e trabalho, a informação. A informação aqui definida como um conjunto de dados registrados em qualquer tipo de suporte físico, desde o papel até o meio óptico/eletrônico.

A informação, atualmente encontrada em diferentes suportes, uma vez acessada e assimilada por um indivíduo ou grupo, pode ou não gerar novos conhecimentos. Isto acontecerá dependendo dos conhecimentos cognitivos do indivíduo ou grupo que a absorveu, mesmo que esses novos conhecimentos não sejam comunicados/divulgados por estes indivíduos ou grupos, nesse caso o novo conhecimento gerado não estará participando do processo natural do conhecimento científico, ou seja, o fazer ciência.

A informação por si só nada significa se não for assimilada, processada e usada pelo indivíduo ou grupo de alguma forma. Neste sentido, informação somente gerará conhecimento quando um indivíduo ou grupo conseguir através da sua leitura de mundo entender a informação apresentada transformando-a em conhecimento, bem como somar a ela seus raciocínios lógicos e/ou ilógicos, transformando-a em novos conhecimentos, para então utilizá-la.

A ciência da informação tem sido considerada por diversos autores como uma ciência interdisciplinar e/ou multidisciplinar. "a característica central da interdisciplinaridade consiste no fato de que ela incorpora os resultados de várias disciplinas, tomando-lhes de empréstimo esquemas conceituais de análise, afim de fazê-los comparado e julgado (...) na certeza de que a exigência interdisciplinar impõe a cada especialista que transcenda a própria especialidade, tomando consciência do seus limites para acolher as contribuições das outras disciplinas" (Ribeiro, 1995).

Segundo Foskett (1980) a ciência da informação surge de uma "fertilização cruzada" de idéias que incluem a velha arte da biblioteconomia, a nova arte da computação, as artes dos novos meios de comunicação, e aquelas ciências como psicologia e lingüística, que em suas formas modernas têm a ver diretamente com todos os problemas da comunicação – a transferência do pensamento organizado".

Mostafa (1994) define ciência da informação, no singular, como uma "área de estudos referida à organização e estruturação da documentação científica. (...) Para esta ciência, o importante é a questão de como lidar com o registro e a recuperação da informação, quais as metodologias são mais eficazes para a geração e uso de base de dados, como compatibilizar linguagens documentárias e, afinal, qual a melhor forma de transformar o conhecimento científico em metalinguagens para fins de acesso e uso".

O francês Le Coadic define como sendo o objeto da ciência da informação, o "estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), ou seja, mais precisamente:

- "a análise dos processos de construção, comunicação e uso da informação;
- e a concepção dos produtos e sistemas que permitem sua construção, comunicação, armazenamento e uso" (p.9-10, 1996).

Oliveira (1996) salienta que "O paradigma da ciência da informação compõe-se de um grupo de idéias relativas ao processo que envolve o movimento da informação em um sistema de comunicação humana".

assim a ciência da informação está vinculada a comunicação propriamente dita, entretanto, é necessário esclarecer qual o conceito de comunicação que está sendo usado neste momento, o processo de comunicação científica, o processo de comunicação em si, o processo de comunicação documentária etc.

Belkin (1978) faz uma revisão sobre os conceitos de informação em seus vários ambientes ou contextos, entre eles: sistemas de comunicação, estrutura textual, tomada de decisão, científica, social/utilitária etc. Para o autor a ciência da informação tem como objeto a informação que deverá ser transferida de alguma forma, de um indivíduo gerador para um indivíduo usuário.

Borko define ciência da informação como "a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processá-la para otimizar sua necessidade e uso (...) ela tem tanto um componente de ciência pura, através da pesquisa de fundamentos, sem atentar para sua aplicação, quanto um componente de ciência aplicada, ao desenvolver produtos e serviços".

As definições do conceito de informação na área da ciência da informação, segundo Meadows (1990) precisam estar sintonizadas, buscando o mesmo objetivo, traçando um quadro claro e preciso do desenvolvimento e futuro da área.

A American Society for Information Science, define ciência da informação como um "campo dedicado às questões científicas e à prática profissional voltadas para os problemas entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual do uso e das necessidades de informação" (1990).

Ciência da informação enquanto ciência ainda está se consolidando, buscando teorias de áreas que já se desenvolveram e partindo

de áreas bases como a comunicação, filosofia, lingüística, sociologia, matemática e história; de áreas aplicadas como a informática, administração e estatística entre outras.

3 Exercício de Construção de uma Ciência

As ciências em geral são construídas a partir do homem, da sociedade. São os problemas cotidianos que despertam o interesse de um ou mais indivíduos, para o exercício da compreensão dos fatos e geração de idéias.

Esses indivíduos, no exercício da compreensão de fatos, geram conhecimento que são aceitos e aplicados por outros indivíduos, transformam-se assim em grupos, movidos por um paradigma. Esse ciclo de Kuhn, mostra como uma ciência pode ser elaborada, evidentemente passando pelo seu próprio tempo e maturação.

A partir da definição do objeto da ciência da informação como sendo a informação registrada em qualquer tipo de suporte físico -- desde o papel até o meio óptico/eletrônico --, sua natureza, propriedades, fluxos e comportamentos.

A racionalidade da ciência da informação está ligada ao objeto de estudo, bem como ao paradigma estabelecido na área. As idéias surgem a partir da racionalização das aplicações, modelos do cotidiano em sistemas/unidades de informação.

Outro ponto fundamental, a objetividade, também está baseado no objeto de estudo da área, buscando a verdade factual, através da observação e experimentação na investigação.

Na ciência da informação a factualidade existe a partir da realidade heterogênea, simples e complexa, que vai criar os quadros conceituais e de referência da área.

Os problemas solúveis são norteadores da investigação científica, ao indivíduo ou grupo investigador cabe dar clareza e precisão às questões elencadas na área. Desta clareza e precisão são produzidos conceitos, modelos e regras de aplicação.

Os indivíduos ou grupos de uma determinada área científica devem ser capazes de entender a linguagem ou terminologia utilizada na comunicação dos estudos. O jargão da área é criado pelos próprios indivíduos ou grupos investigadores ou teóricos da área.

Com relação a verificação dos dados, hipóteses e metodologias utilizadas nos estudos, uma área só se caracteriza a partir de uma massa teórica consensual de grupos investigadores.

A sistematização do conhecimento da área se dá a partir dos formatos pré-estabelecidos pela própria academia local ou mundial, seguindo um padrão no desenvolvimento dos estudos/investigações que devem ser aceitos pela comunidade da área.

O desenvolvimento de uma ciência específica passa pelo processo cumulativo, ou seja, os estudos/investigações realizados devem ser incorporados parcialmente ou integralmente por outros indivíduos ou grupos da área, caracterizando a atualização natural, ou ainda, podem ser rejeitados parcialmente ou integralmente por indivíduos ou grupos da área, caracterizando a obsolescência natural e/ou contestação das idéias apresentadas.

Nenhuma ciência é infalível, absoluta, final. A própria logicidade da ciência e do conhecimento científico permite que um resultado ou progresso provoque mudanças, mesmo que antes tenha reinado como absoluto.

Os fatos do cotidiano devem ser explicados e compreendidos; a partir da compreensão é possível explicar, responder perguntas, criar modelos, entender estruturas, saber o porque.

A ciência de uma área específica deve ser útil, no sentido de que os indivíduos ou grupos dela pertencentes, entendam seus fenômenos e saibam como agir e aplicar modelos no dia a dia, se firmando e agindo para o progresso social.

Para Mostafa (1996, p.306) "a ciência da informação nasce ao lado de outras configurações como a do processamento automático de dados, a análise de sistemas, a cibernética, a inteligência artificial, a pesquisa operacional, a psicologia cognitiva...", a interdisciplinaridade da ciência da informação, opinião compartilhada pela maioria dos investigadores da área, é real. Primeiramente porque o *corpus* teórico da ciência da informação está sendo construído apoiado em outras áreas do conhecimento, dentre elas, a comunicação, a lingüística, a administração e a informática.

Áreas do conhecimento como por exemplo, a lingüística, construíram seu *corpus* teórico muito recentemente. Evidentemente, se a ciência da informação se apoia em "ciências" que ainda constróem sua teoria, parece claro e natural a dificuldade em desenvolver a sua própria.

Segundo Mueller (1996, p.337) "Três características são indícios da maturidade de uma área do saber e marcam o seu grau de institucionalização e desenvolvimento: a existência de literatura científica e profissional, a existência de uma associação ou sociedade científica e a existência de cursos regulares para a formação de novos profissionais e de pesquisadores".

A produção científica brasileira na área de ciência da informação, infelizmente não é expressiva. Esta constatação deve-se a diferentes fatos: a) os profissionais que atuavam no mercado de trabalho, ligados à área, não

tinham o hábito de relatar suas experiências profissionais, divulgando à comunidade científica; b) apenas recentemente os alunos de graduação passaram a receber conteúdos que propiciam a elaboração de monografias, bem como a conviverem com uma prática didático-pedagógica voltada à iniciação científica; c) os alunos de programas de pós-graduação, publicavam apenas quando da conclusão do programa; d) a baixa quantidade de profissionais que ingressavam na pós-graduação; e) a baixa quantidade de programas de pós-graduação, distribuídos pelo país e, f) a baixa quantidade de veículos de comunicação científica no país.

Gómez (1996, p.61) se refere a conhecimento como sendo "um saber que estabelece uma demanda de validade, afirmando a potência de apreensão de seu objeto, no domínio de sua legitimidade", ou seja, legitimar a ciência da informação é delinear claramente o objeto de estudo e de trabalho, bem como verificar a sua aceitabilidade pela sociedade científica.

Conclusão

O objeto da ciência da informação, a informação, tem na pluralidade a sua maior característica. Pluralidade de suportes físicos, de conteúdos, de mensagens, de leituras etc.

Cintra (1997) entende informação como o resultado de uma construção de mensagem, sendo composta de três momentos distintos: a) em que se dá forma ao pensamento (concepção); b) em que se dá forma para ser posta em comum (formalização) e c) em que é colocada em comum (comunicação). Além das três fases anteriormente definidas, Cintra enfoca duas fases: 1) estática – quando o emissor cria e codifica a mensagem para ser comunicada e 2) dinâmica – quando o receptor decodifica e recebe a mensagem.

Partindo destes conceitos a ciência da informação teria como objetivo maior ajudar o usuário final na decodificação e recepção da mensagem. Esta constatação demonstra a importância de duas sub-áreas: a análise documentária com a função de decodificação e a referência com a função da mediação da informação.

A investigação científica na área da ciência da informação, vem se desenvolvendo apoiada em outras ciências e na maioria das vezes na literatura internacional, uma vez que a literatura nacional ainda é pequena. Através da comunicação científica internacional e dos canais de distribuição absolutamente globalizados, verifica-se muitas vezes que problemas enfrentados por outros países, são os mesmos vivenciados aqui no Brasil.

A constatação de que existem problemas similares, quanto ao profissional, ao mercado de trabalho ou mesmo quanto a organização, tratamento e disseminação da informação, faz com que cada vez mais investigadores da área de ciência da informação, troquem informações e resultados de pesquisas.

A globalização da economia promove a globalização de segmentos diversos, a indústria nacional já está sendo afetada diretamente com a abertura do mercado e a competitividade dos produtos estrangeiros em termos de custo e de qualidade. De outro lado está a regionalização dos mercados, por exemplo o Mercosul, fazendo com que as relações comerciais, científicas e tecnológicas sejam fomentadas.

As relações científicas tendem a ser mais integradas do que os outros tipos de relações como as comerciais, tecnológicas etc., justamente porque a competitividade, delas gerada, não faz parte de forma explícita, da relação científica. No entanto, existe o cuidado com a propriedade intelectual, a questão dos direitos de autoria que ainda não estão resolvidos.

No Mercosul, a área da ciência da informação já sente os reflexos proporcionados pelos diversos encontros de profissionais da informação,

resultando grande avanço para a área. Pode-se citar, por exemplo, o estabelecimento de grandes áreas de conteúdos formadores do profissional, buscando um consenso entre os países componentes do Mercosul, objetivando a abertura de mercado de trabalho aos profissionais da informação.

Os intercâmbios e convênios que estão sendo realizados, visam tanto o corpo docente e discente das escolas da área de ciência da informação, quanto a parceria em projetos interdisciplinares, a educação continuada entre outras ações.

Consolidar estes intercâmbios através da comunicação científica das informações geradas por eles, como por exemplo, numa primeira e básica iniciativa, reunir os TCCs – Trabalho de Conclusão de Curso dos alunos de graduação dos países componentes do Mercosul, em uma base de dados, ação relativamente fácil, pois ficaria no nível das escolas de graduação, assim como a divulgação científica conjunta de outros tipos de produção científica.

Receber e enviar professores com frequência, visando a troca de informações e de conteúdos pedagógicos, trazendo realidades diferenciadas e desenvolvendo a capacidade de análise crítica nos graduandos.

Desenvolver projetos que atendam às questões globalizadas da informação de um modo geral.

A dinâmica que envolve a informação – principalmente quando ela está em suportes tecnológicos de informação –, existe porque o conhecimento é dinâmico, os produtos do conhecimento, portanto, também o são. A ciência da informação tem na pluralidade e na dinâmica suas únicas verdades.

A investigação científica é necessária para consolidar a área de ciência da informação, para que a sociedade legitime o fazer da ciência da informação, para que o mercado consuma informação de forma efetiva, para que os profissionais da informação criem novas demandas informacionais e,

principalmente para que o cidadão brasileiro seja de fato um cidadão e para que o Brasil se consolide como país.

Bibliografia

- ANDER-EGG, E. *Introducción da las técnicas de investigación social*. Buenos Aires : Humanitas, 1978.
- BELKIN, N. J. Information concepts for information science. *Journal of Documentation*, v.34, n.1, p.55-85 1978.
- BOUCHE, R. Ciência da informação: ciência da forma. *Ciência da Informação*, Brasília, v.17, n.2, p.99-104, 1988.
- BUCHLAND, M. K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science*, v.42, n.5, p.351-360, 1991.
- FOSKETT, D. J. et al. *Ciência da informação ou informática?* Rio de Janeiro : Calunga, 1980. 105p. (Série Ciência da Informação)
- GALVÃO, M. C. B. Os conceitos de biblioteconomia, documentação e ciência da informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v.26, n.1/2, p.130-148, 1993.
- GÓMEZ, María Néida González de. Objeto da ciência da informação: paradoxos e desafios. *Ciência da Informação*, Brasília, v.19, n.2, p.117-22, jul./dez. 1990.
- _____. Da organização do conhecimento às políticas de informação. *Informare*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.58-66, jul./dez. 1996.
- GRANGER, G. G. *A ciência das ciências*. São Paulo : Editora da UNESP, 1994. 122p.
- LE COADIC, Yves-Francois. *A ciência da informação*. Brasília : Briquet de Lemos, 1996. 119p.
- MEADOWS, A J. Theory of information science. *Journal of Information Science*, v.16, n.1, p.59-63, 1990.
- MOSTAFA, Solange P. Ciência da informação: uma ciência, uma revista. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.3, p.305-307, set./dez. 1996.
- _____. As ciências da informação. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.8, n.4, p.22-27, out./dez. 1994.
- _____. Filosofando sobre a área de informação. In: Simpósio Brasil-Sul de Informação, 1., 1996, Londrina. *Anais*. Londrina : Editora da UEL, 1996. p.31-46
- _____. Paradigmas teóricos da biblioteconomia e ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.21, n.3, p.216-22, set./dez. 1992.
- MÜELLER, Suzana P. M., CAMPELLO, Bernadette S., DIAS, Eduardo J. W. Disseminação da pesquisa em ciência da informação e biblioteconomia no Brasil. *Ciência da Informação*, Brasília, v.25, n.3, p.337-351 set./dez. 1996.
- NUNES, C. O I. Algumas considerações acerca da discussão da mudança de paradigma na ciência contemporânea e suas implicações para a biblioteconomia / ciência da informação. In: Simpósio Brasil-Sul de Informação, 1., 1996, Londrina. *Anais...* Londrina : Editora da UEL, 1996. p.69-92

- OLIVEIRA, M. Os paradigmas da ciência da informação. In: Simpósio Brasil-Sul de Informação, 1., 1996, Londrina. *Anais.*, Londrina : Editora da UEL, 1996. p.143-150
- PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro; LOUREIRO, José Mauro Matheus. Traçados e limites da ciência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v.24, n.1, p.42-53, jan./abr. 1995.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. 8.ed. Porto : Edições Afrontamento, 1996. 58p.
- TRUJILLO FERRARI, A. *Metodologia da ciência*. Rio de Janeiro : Kennedy, 1974.